

JÂNIO

"O Banco do Brasil fica no Rio" — disse Jânio Quadros ao repórter da "Tribuna da Imprensa" explicando sua viagem clandestina. E assim, no dia mesmo de sua posse, ele enunciou um dos fatos positivos fundamentais de nossa república supostamente federativa. O mito da soberania estadual se dissipa diante deste fato: "o Banco do Brasil fica no Rio". E sem o Banco do Brasil é quase impossível realizar qualquer coisa; e sem um sinal de Caete ninguém pode contemplar de perto aquelas burras maternas.

Jânio encontrou a Prefeitura de S. Paulo com uma dívida de 500 milhões, e se apavora. Apavora-se, creio eu, demais. "Vou imolar minha popularidade no altar do bem comum, logo na primeira semana de governo" — disse ele anunciando que, diante da greve, terá de aumentar as passagens dos ônibus e bondes, serviços municipais altamente deficitários. Ele que descasque como puder esse abacaxi; mas quando digo que ele se apavora demais é quando ele anuncia que vai suspender todas as obras públicas, absolutamente todas. "Vou poupar de toda forma a custa de tudo e de todos. Quando tiver posto a casa em ordem, passo a atender às necessidades, sobretudo às justas reivindicações dos bairros populares."

Se a mania demagógica é perigosa, a mania antidemagógica não o é menos. Quem suspende todas as obras públicas não poderá nunca "por a casa em ordem". Adiar as obras adiáveis, evitar as supérfluas isto é possível e aconselhável. Mas suspender "absolutamente todas as obras" é levar um município a uma imobilidade e a uma depressão insuportáveis. Confesso que não chego a achar espantoso que um município do dinamismo de S. Paulo deva 500 milhões de cruzeiros. Não é estimável, mas também não chega a ser anormal. A receita de S. Paulo sobe de ano para ano; e se o nosso prezado Jânio tiver paciência, a inflação logo fará com que os 500 milhões não sejam tão milhões assim. Uma das acusações feitas por Jânio Quadros às antigas administrações é que elas empreenderam obras custosíssimas cuja utilidade principal foi valorizar terrenos de particulares amigos do partido dominante. Obras desse tipo podem ser suspensas. Mas obras que se destinam a melhorar a vida do povo, e a permitir o desenvolvimento e a expansão da cidade — essas devem ser continuadas, mesmo à custa de novas dívidas, mesmo à custa de "beijos" nos fornecedores e contratantes. Parar tudo é não acreditar nessa realidade fabulosa que é o dinamismo paulistano.

O fetichismo financista do devese-haver pode ser tão prejudicial, em uma comunidade nova e em plena expansão, quanto as piores orgias e dilapidações.

Esperemos que Jânio não vá afundar suas belas intenções nessa honesta mas calamitosa política de faquir. Não basta não roubar; é preciso fazer alguma coisa pelo povo, e todos os credores podem esperar, menos este. Porque este não emprestou dinheiro, e sim seu suor e sua aflicção e sua pobre esperança. O que lhe é devido é um mínimo de bem-estar, que lhe tem sido negado pelos gozadores que o iludem e o exploram.

R. B.

372